

alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1971.

A nova edição do livro de Gabriel Soares de Sousa permite levantar uma série de problemas: a grande parte da literatura histórica sobre o Brasil Colonial e Imperial foi publicada nas décadas de 1930 e 1940, por obra de Fernando de Azevedo e Rubens Borba de Moraes. É verdade que, de maneira esparsa, a Editora Zélio Valverde, ou Edições Cultura, ou Ministério da Educação, etc. editaram grande número de manuscritos ou obras de portugueses, relatos de viajantes ou estudos estrangeiros a respeito de aspectos brasileiros. A quase totalidade delas, porém, está esgotada, tornando difícil o seu manuseio pelo leitor interessado. No entanto, a leitura de um Pohl, um Saint-Hilaire, um Succok, um Koster, um Gardner, um Fernão Cardim, etc., é fundamental para o conhecimento e reavaliação da nossa realidade.

Daí a necessidade da republicação deste cervo; e, conseqüentemente, da precisão em editar obras de viajantes e observadores estrangeiros — e nacionais — inéditos ou praticamente inéditos. Os casos de um Príncipe Adalberto da Prússia, um Lacerda e Almeida, um Conty etc. comprovam a falta de conhecimento quase geral que temos deste manancial que, infelizmente, é conhecido apenas por parte ínfima de nossos estudiosos e bibliófilos.

Entretanto, outra observação deve ser feita, relativa à mutilação ou à falta de sentido crítico de algumas publicações. Os exemplos abundam sobre as más traduções ou edições feitas ao sabor de quem organiza a obra: o caso do livro de Roberto Mendes Gonçalves sobre o Diário do Barão de Hübner é sintomático; a pretexto de "inconveniência", o selecionador escolhe a seu bel-prazer os excertos a serem publicados, sem a mínima consideração pelo valor global ou pensamento do autor. Senão — é o outro caso — são as edições que, como no caso deste Tratado, não incluem uma nota sequer, para não dizermos edições críticas, para ajudar o leitor. Sabe-se que a atual versão, feita sob os cuidados de Varnhagen, é uma existente; mas Pirajá da Silva publicou outra, com o título **Notícias do Brasil**, na Biblioteca Histórica Brasileira. Essa é antecedida por excelente introdução. Natural que as pequenas informações tornar-se-iam úteis para todo estudioso, que se debate com a falta de livros e de bibliografias.

Gabriel Soares de Sousa, nobre português, vem ao Brasil em 1569 e se instala na Bahia e constrói engenho de açúcar. Devido às entradas feitas por um seu irmão, interessa-se pela descoberta de metais preciosos: vai a Portugal, onde consegue, após muitos anos (1584-1590), o alvará para

"prosseguir nos seus descobrimentos além do rio São Francisco". Em 1591 embrenha-se no sertão, onde, depois de muitas peripécias, acaba falecendo.

A obra foi escrita durante os anos que permaneceu em Lisboa e é ofertada, em 1587, a influente político português; seu intuito é fazer uma descrição do mundo brasileiro, porém, trata mais da Bahia. Como diz, "minha pretensão é manifestar a grandeza, fertilidade e outras grandes partes que tem a Bahia de Todos os Santos e os demais Estados do Brasil, do que os Reis passados tanto se descuidaram; a El-Rei Nosso Senhor convém, e ao bem do seu serviço, que lhe mostre, por estas lembranças, os grandes merecimentos d'êste seu Estado, as qualidades e estranhezas d'êie, etc."

É, assim, com o intuito utilitário, que o autor revela, sempre no estilo da época, o roteiro (geografia) da costa brasileira; e a topografia, colonização, agricultura, flora, fauna, etnografia, etc. da Bahia.

A sua vivência e conhecimentos, aliados a um realismo descritivo, fazem do Tratado um verdadeiro repositório de informações imprescindíveis. Como o próprio Varnhagen reconhece, a minúcia e dados fornecidos são fundamentais para a história seicentista; é exatamente por isto que Capistrano de Abreu e todos os outros historiadores reconhecem em Gabriel Soares de Sousa um observador insuspeito.

A prova aparece em qualquer parte do livro: na descrição de Salvador, diz que "passando além da Sé pelo mesmo rumo do norte, corre outra rua mui larga, também ocupada com lojas de mercadores, a qual vai dar consigo em um terreno bem assentado e grande, aonde se representam as festas a cavalo, por ser maior que a praça, o qual está cercado em quadro de nobres casas". Ou, quando trata dos índios: "fazem êstes Ubirajaras suas lavouras, como fica dito dos Amoipiras, e pescam nos rios com os mesmos espinhos, e com outras armadilhas que fazem com ervas; e matam muita caça com certas armadilhas que fazem, em que lhe facilmente cai". Ou, falando das riquezas do mar: "nos mangues se criam outras ostras pequenas, a que os índios chamam lerimirim, e criam-se nas raízes e ramos dêles até onde lhes chega a maré de preamar; as quais raízes e ramos estão cobertos destas ostras, que não se enxergam o pau, e estão umas sobre outras; as quais são pequenas, mas muito gostosas; e nunca se acabam, porque tiradas umas, logo lhe nascem outras; e em todo o tempo são muito boas e muito leves".

Os senões assinalados anteriormente não tiram o interesse que desperta a nova edição do livro. O que se deseja

é que seja feito esforço para as novas edições de livros fundamentais, tanto inéditos como esgotados.

EDGARD CARONE

INDUSTRIALIZAÇÃO E ATITUDES OPERÁRIAS

Por Leôncio Martins Rodrigues. São Paulo, Editora Brasiliense, 1970. 217 p.

Frente à escassez de material empírico para o desenvolvimento dos estudos sociológicos no Brasil, a realização de pesquisas torna-se hoje tarefa fundamental. O trabalho ora apresentado, fruto de um levantamento junto a um grupo de operários, preenche, em parte, essa lacuna. A pesquisa visou a conhecer as atitudes do grupo entrevistado frente à empresa, ao sindicato e à política; com os dados assim obtidos, foi possível levantar hipóteses explicativas do comportamento social e político do proletariado brasileiro. Cabe assinalar aqui que a pesquisa foi efetuada numa grande empresa estrangeira, o que constitui dado importante, pois a maior parcela do proletariado brasileiro encontra-se em indústrias deste tipo.

O tópico principal para a discussão diz respeito às peculiaridades do processo de industrialização brasileiro, tendo-se em conta as condições econômicas, sociais e políticas de um país subdesenvolvido: o comportamento do operariado só pode ser entendido se devidamente situado nesse contexto.

É num país de economia agrário-exportadora, com níveis mínimos de consumo que se processa, num período relativamente curto, a implantação de um setor industrial moderno, com base na importação de avançada tecnologia estrangeira. Passamos, assim, quase que diretamente à produção industrial em série fundada no trabalho semiqualficado. Nesse sentido, a questão que se levanta é a do recrutamento e da composição da mão-de-obra para tais indústrias. Dois níveis, podem ser aí distinguidos:

1. O grosso do pessoal semiqualficado é recrutado entre a massa de migrantes rurais que, recém-egressos de uma sociedade tradicional, sofrem o impacto da civilização moderna, altamente urbanizada e industrializada, com tôdas as conseqüências que o choque entre o velho e o novo acarretam, no plano dos valores, das normas, das aspirações e dos comportamentos sociais.

2. A mão-de-obra especializada é recrutada entre a massa urbana, de maior nível de escolaridade que a massa rural. Maior urbanização, maior nível de escolaridade e maior quali-

fição profissional estão estreitamente relacionados. Dada a carência de mão-de-obra especializada no Brasil, o trabalhador qualificado possui alguma possibilidade de ascensão econômica, o que é quase impossível ao trabalhador semiquilificado, tendo-se em vista a existência do vasto contingente de mão-de-obra de reserva, constituído pela massa rural.

Portanto, a origem da mão-de-obra urbana ou rural torna-se elemento fundamental à compreensão do comportamento operário. Os resultados da pesquisa são analisados a partir desta diferenciação básica, demonstrando diferenças relevantes nas atitudes e orientações valorativas das duas categorias,¹ dentre as quais consideramos da maior importância a que diz respeito à identificação dos operários com o seu trabalho. Os **tradicionais** não se identificam com o trabalho, considerando-o apenas como o instrumento que lhes proporcione os meios suficientes para voltarem ao campo ou para se estabelecerem por conta própria. Mas, devido à falta de oportunidade de ascenderem economicamente, acabam voltando a empregar-se na indústria. A grande mobilidade ocupacional assim gerada e a não-identificação com o trabalho passam, dêsse modo, a constituir fortes obstáculos à formação de uma consciência de classe operária.

De outro lado, há grande identificação com o trabalho por parte dos operários qualificados. Mas o fato de possuírem situação econômica privilegiada dentro da classe não os leva a uma posição contestadora. Assim mesmo, em termos de **indivíduos**, foi aqui que se encontrou maior nível de politização.

Quanto à atitude frente ao sindicato, os **tradicionais** o concebem como mera entidade de assistência médico-dentária, enquanto os **modernos** o vêem como entidade de assistência jurídico-trabalhista. Os **tradicionais**, utòpicamente, concebem o Estado como uma entidade ditatorial que atue em benefício popular, enquanto os **modernos**, sendo mais realistas, preconizam formas mais democráticas de governo. Ambas as categorias são favoráveis à industrialização e ao capital estrangeiro, uma vez que a criação de novas indústrias gera mais empregos, que por sua vez são mais bem remunerados nas empresas de capital alienígena.

De modo geral, apesar das diferenças entre as duas categorias, o que se pode concluir é que a classe operária brasileira como um todo está em formação, não sendo ainda capaz de ter um programa de transformação para o conjunto da sociedade. Para o autor, o atual operariado brasileiro, sendo formado de segmentos diversos identifica-se com o "povo", ou "elementos pobres", isto é, o conjunto da população que possui fraca participação no mercado consumidor. Ao

contrário do que ocorreu nas primeiras fases da industrialização nos países desenvolvidos, não é a partir da posição ocupada na estrutura da produção que se define a participação política do operariado brasileiro, mas sim a partir da posição ocupada na estrutura de distribuição da renda.

Se a hipótese é ou não verdadeira, cabe aos fatos revelá-lo. De todo modo, a obra apresentada, levantando problemas centrais sobre o operariado brasileiro, constitui importante material para a sua compreensão.

MARISA SAENZ LEME

AVALIAÇÃO DE CARGOS

Por Alysson Darowish Mitraud. 1. ed. Editora Brasiliense. 1971.

A literatura sobre avaliação de cargos no Brasil oferece muito poucas alternativas aos estudiosos da administração do pessoal. São raros os escritores que se dedicaram à difícil tarefa de adaptar aos nossos costumes e usos empresariais a lição dos mestres estrangeiros, os quais, alicerçados numa tradição industrial mais antiga que a nossa, puderam criar e experimentar diversos mecanismos para a ponderação do valor intrínseco do trabalho.

É, pois, com justificado júbilo que indicamos a edição da obra **Avaliação de cargos — instrumento básico para o equilíbrio interno dos salários**, de autoria do Professor Alysson Darowish Mitraud, da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas.

Retornando de profícuo mestrado na Michigan State University, procurou Alysson interpretar para os administradores de empresa brasileiros quão útil lhes seria a adoção dos sistemas de avaliação de cargos. A obra se inaugura, assim, com um capítulo doutrinador:

"Atualmente a avaliação de cargos constitui instrumento largamente aceito no estabelecimento de uma estrutura congruente de salários.

Ademais, um plano de avaliação não se presta apenas à solução de controvérsias em torno de salários, mas também, às seguintes finalidades:

1. Permite à administração medir e controlar com maior precisão os custos de pessoal.
2. Serve de base para as negociações com os sindicatos.
3. Proporciona uma estrutura que facilita as revisões periódicas de salários.

4. Ajuda a seleção, integração, promoção e treinamento do pessoal.

5. Esclarece funções, autoridade e responsabilidade, o que auxiliará, por sua vez, a racionalização e simplificação do trabalho.

6. Reduz as queixas e a movimentação do pessoal, elevando o moral e melhorando as relações entre os dirigentes e os empregados".

A seguir, são colocadas as noções fundamentais de natureza conceitual (cargo, classe de cargos, cargos típicos) e mostra-se, minudentemente, como fazer a descrição do cargo, procedimento preliminar à avaliação. O estilo simples e direto, didático por excelência, facilita extraordinariamente a compreensão da rotina de análise e retratação escrita do trabalho.

Vem, então, a demonstração do método mais simples, do ordenamento, esclarecido com uma dezena de gráficos de grande força expressiva. Sucede-a o método de avaliação através de categorias predeterminadas, de que temos esplêndido exemplo no serviço público civil do Rio Grande do Sul, cujo plano o autor estuda em detalhes.

O discutido método de avaliação através de comparação de fatores, inventado por Thomas Mitten na Philadelphia Rapid Transit Company, vem explicado e criticado com grande clareza, e o leitor passa a entender como é constituído esse sistema, como se aplica, que efeitos provoca, quais as vantagens de sua utilização e quais os defeitos pelos quais muitos, em que, aliás, pessoalmente nos incluímos, o rejeitam na prática.

Afinal, o método mais trabalhoso, mais complexo e de maior prestígio, a avaliação por pontos, merece do autor atenção cuidadosa, passo por passo, na elaboração, na aplicação, na aferição dos resultados. Dêsse sistema, Alysson oferece um precioso trabalho que elaborou para a Companhia Mineira de Eletricidade, exemplar na escolha dos fatores, na identificação dos graus, na atribuição de pontos aos graus.

Os critérios para escolha de um método de avaliação de cargos têm, na obra, um capítulo inteiro, em que se apreciam todos os requisitos clássicos, como a objetividade, a simplicidade, a compreensibilidade e a flexibilidade.

Por esta pequena grande obra, tornou-se, dessa maneira, mais fácil o estudo da avaliação dos cargos nas escolas de administração e ficou mais simples

¹ O autor recorre à seguinte classificação: **tradicionais**, trabalhadores de origem rural, e **modernos**, trabalhadores de origem urbana.